

ISSN: 1981-4755

Vol. 13 nº 24

1º Sem. 2012

p. 197 - 240

**O PORTUGUÊS  
BRASILEIRO DO  
SÉCULO XIX NAS  
CARTAS DA BARONESA  
DE GUARAÚNA E DA  
IMPERATRIZ THERESA**

NINETEENTH CENTURY BRAZILIAN  
PORTUGUESE: LETTERS FROM THE  
BARONESS OF GUARAÚNA AND THE  
EMPRESS THERESA

Elódia Constantino Roman<sup>1</sup>  
Dayme R. Bençal<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *campus* de Araraquara (1998). Professora Associado A, no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atua no Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade desde 03/2010.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2012). Bolsista CAPES. Especialista em Língua, Linguística e Literatura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2010) e graduada em Letras Português/Inglês pela mesma instituição (2006).

**RESUMO:** Assim como acontece com as sociedades, a história e a cultura, a língua evolui, e esse processo lhe é inerente. O português do Brasil tem características próprias, devido às influências dos índios, africanos e outros povos que aqui habitavam. Este trabalho buscou em cartas manuscritas do século XIX, origens do português brasileiro. O *corpus* é formado por três cartas pessoais, recolhidas no Museu do Tropeiro, em Castro, duas delas escritas pela Baronesa de Guaraúna, e uma pela Imperatriz Thereza de Bourbon. Esse gênero textual é uma fonte preciosa para os estudos sócio-históricos, pois traz, por meio de registro linguístico, um legado cultural e intelectual incomensurável. Buscando o resgate do português brasileiro culto, utilizado informalmente no período compreendido entre 1880 e 1893, é possível observar fenômenos sintáticos, característicos das formas de tratamento e a diversidade ortográfica próprias do século em que foram redigidas. Este trabalho não visa a esgotar todas as possibilidades de análise e observação sobre a origem de todo esse legado, mas contribuir para os estudos sobre a história do português brasileiro, em particular, o paranaense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documento histórico; Carta pessoal; Estudo diacrônico.

**ABSTRACT:** As with societies, history and culture, language also evolves, a process which is inherent to it. The Portuguese of Brazil has its own characteristics due to the influence of Indian, African peoples and others who have lived here. This study researched 19<sup>th</sup> century handwritten letters for the origins of Brazilian Portuguese. The *corpus* consists of three personal letters collected by the Museu do Tropeiro in Castro. Two of them were written by the Baroness of Guaraúna and one by the Empress Thereza de Bourbon. This textual genre is a valuable source for socio-historical studies because it brings, through the linguistic register, an immeasurable cultural and intellectual legacy. Studying the educated Portuguese Brazilian language, used informally between 1880 and 1893, one is able to notice syntactic phenomena, which are found in forms of treatment and spelling diversity characteristic of the century in which they were written. Our focus was not to exhaust all the possibilities of analysis and observation on the origin of this entire legacy but to contribute towards the studies of the history of Brazilian Portuguese, and in particular, the one from the state of Paraná.

**KEY-WORDS:** Historical document; Personal letter; Diachronic study.

## INTRODUÇÃO

A origem e a evolução da língua portuguesa em solo brasileiro movem e aguçam os estudos linguísticos e sócio-históricos de pesquisadores particularmente interessados em

buscar o quadro linguístico inicial, para respostas às questões que envolvem a estrutura da língua contemporânea. Como bem colocou Castilho no prefácio do livro de Naro e Scherre, *Origens do português brasileiro* (2007, p. 13), “desde que Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, publicou num atlas francês de 1826<sup>3</sup> um texto sobre a língua portuguesa do Brasil, o assunto nunca mais saiu de nossas agendas.” Na busca de uma afirmação de língua brasileira, estudiosos de diferentes nacionalidades procuram esclarecer qual é o grau de proximidade entre o Português atual e as línguas que aqui se falavam antes e após o descobrimento. De acordo com os postulados de Mattos e Silva (2008a) ainda não dispomos de um relato histórico constituído sobre a língua portuguesa, apenas estudos monográficos que abordam a questão com entusiasmo, levando em conta os “condicionamentos teóricos, metodológicos, empíricos e ideológicos de seus autores” (MATTOS E SILVA, 2008a, p. 54).

Estudos sobre o passado linguístico e sócio-histórico do Brasil nos fornecem dados sobre a formação da língua que falamos. Segundo Oliveira (2011), devido ao interesse do colonizador em extrair as riquezas encontradas na nova terra, foi necessário utilizar, em um primeiro momento, a mão de obra indígena e, posteriormente, o trabalho escravo. Mattos e Silva (2008) argumenta que o encontro entre o português europeu, as línguas indígenas e as línguas dos africanos pode ter sido uma das raízes possíveis da formação de nossa variedade vernacular. Esse contato entre línguas instituiu, no

---

<sup>3</sup> O Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, marca o início dos estudos dialetológicos no Brasil, com seu trabalho comparativo, *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparée à la langue du Portugal*, publicado na introdução do *Atlas Ethnographique du globe*, de autoria de Adrien Balbi. Nesse breve estudo, Domingos Borges de Barros escreveu brevemente sobre as diferenças que o dialeto brasileiro apresentava, do ponto de vista lexical, do europeu (CARDOSO, 1989).

Brasil, uma realidade linguística heterogênea, como as línguas gerais, *pidgins* e crioulos. Pombal, em 1757, impôs por meio do “*Diretório dos Índios*, a utilização do português como língua oficial a ser escrita e ensinada nas escolas e usada em qualquer situação social”, buscando, dessa forma, a hegemonia da língua do colonizador em detrimento de todas as já utilizadas no Brasil colônia (MARIANI, 2001, p. 101, grifos da autora).

Mattos e Silva (2008a) explica que o desejo por uma compreensão sobre a história da língua que falamos passou a ser objeto de interesse de estudiosos no Brasil a partir do advento de estudos sociolinguísticos, na segunda metade do século XX. Nesse momento, o português assumiu a designação de Português Brasileiro, admitindo sua realidade heterogênea, relacionada com os padrões sociais, históricos, culturais e ideológicos da comunidade da fala. Dante Lucchesi, em seu artigo “Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil” (1994), caracteriza o português brasileiro não apenas como heterogêneo e variável, mas também plural e polarizado, tendo em um dos polos a norma vernácula e, em outro, a culta.

Essa heterogeneidade está presente tanto no português *multilíngue* e *multidialeto* falado pelos habitantes do Brasil no período colonial, quanto pelo escrito em textos oficiais e, mais tarde, pelos povos que aqui se estabeleceram e tiveram acesso à educação que era restrita à elite privilegiada.

Entendemos, como Queiroz (2009), que a escrita é uma fonte inestimável de preservação da memória linguística de um povo. É através dela que o homem registra a sua memória: literatura, ciência, direito, religião, e ideologia. Assim, este texto está voltado para a observação do registro do português brasileiro em cartas escritas no século XIX, não imprimindo qualquer discussão teórica quanto à origem ortográfica, lexical ou sintática, apenas descrevendo e apresentando reflexões sobre as características da língua dentro do recorte 1880 –

1893. As cartas foram coletadas no Museu do Tropeiro, na cidade de Castro, parte do acervo de vários documentos históricos formais e informais de moradores dessa cidade e de Ponta Grossa.

## DA ORIGEM DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Fatos históricos de que temos conhecimento relatam que, quando os portugueses chegaram aqui, em abril de 1500, entraram em contato com povos que viviam em tribos seminômades, sendo principais a Tupi e a Guarani, que habitavam o litoral brasileiro entre a Bahia e o Rio de Janeiro. Esses povos falavam língua semelhante e tinham costumes parecidos. Quase todos faziam parte de um grupo linguístico chamado de tupi-guarani e, em vários pontos litorâneos, havia os tupinambás e os tupiniquins. Nesse momento, deu-se no Brasil, o início da contribuição indígena na formação do português brasileiro.

Para estabelecer contato com os povos nativos, os colonizadores precisaram aprender os dialetos e idiomas indígenas. Silva Neto, segundo Naro e Scherre (2007, p. 28), explica que nesse momento da História, predominou a língua geral<sup>4</sup> – um pidgin<sup>5</sup> ou *koiné* simplificado, de origem tupi. Essa língua, denominada por Mattos e Silva (2008a, p. 14) de “tupi jesuítico”, foi utilizada na atividade catequética e, mais tarde documentada e estudada. A mesma autora argumenta que essa língua “chegou a ser um risco para a hegemonia do

---

<sup>4</sup> A língua geral, falada em toda a costa brasileira, “era simples e de reduzido material morfológico; não possuía declinação nem conjugação.” (SILVA NETO, 1976, p. 50)

<sup>5</sup> Segundo López Morales (2008), pidgin é uma língua de contato, criada de forma espontânea de uma mistura de línguas, servindo como meio de comunicação entre falantes de línguas diferentes.

português no Brasil, juntamente com outras línguas gerais indígenas que foram veículos de intercomunicação entre brancos, negros e índios [...]"

Os bandeirantes que saíam desbravar estradas e domínios também difundiram essa língua geral em todo o território nacional. Segundo Sampaio:

As bandeiras quase só falavam o tupi. E se, por toda a parte onde penetravam, estendiam os domínios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a língua, a qual, só mais tarde se introduziu com o progresso da administração, com o comércio e os melhoramentos (1987, p. 71).

Se alguns autores veem exagero nas palavras de Sampaio, Padre Vieira, em 1694, endossa que a língua que se falava por aqui era a dos índios. O português era apreendido na escola (BIDERMANN, 2002).

Outro contato que enriqueceu a formação do português brasileiro foi com o negro africano. Em 1538 iniciou-se o tráfico de africanos que foram trazidos para cá, sobretudo para o trabalho escravo em canaviais na Capitania de São Vicente, no Recôncavo Baiano e em Pernambuco.

Câmara Júnior (1976) aponta que os escravos chegados ao Brasil desenvolveram um português crioulo<sup>6</sup> para se comunicar com os seus senhores. O crioulo, de acordo com as explicações de Pereira

[...] é uma língua natural, de formação rápida, criada pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis. Procurando superar a pouca funcionalidade das suas línguas maternas, estes recorrem ao modelo imposto (mas pouco acessível)

<sup>6</sup> Língua crioula, na concepção de López Morales (2008), é uma língua mista – mescla de cultura e raças. Tem variações diatópica, diastrática e diafásica.

da língua socialmente dominante e ao seu saber linguístico para constituir uma forma de linguagem veicular simples, de uso restrito mais eficaz, o *pidgin*, que posteriormente é gramaticalmente complexificada e lexicalmente expandida, em particular pelas novas gerações de crianças que a adquirem como língua materna, dando origem ao crioulo (História da língua Portuguesa<sup>7</sup>, grifos do autor).

A língua geral de origem indígena foi a primeira influência recebida pelo idioma português em solo brasileiro. Os negros africanos também se adaptaram a essa língua geral, que continuava a ser utilizada pelos colonos. Em 1757, o Marquês de Pombal instituiu a língua portuguesa como obrigatória, criando a primeira rede leiga de ensino, proibindo o uso da língua geral de base tupi (HOUAISS, 1985).

Assim, podemos considerar como colaboradores do português popular brasileiro o índio, o africano e o colonizador. Entendemos, como afirma Biderman (2002, p. 68), que “tanto o índio como o negro aprenderam o português por necessidade, mas deixaram marcas profundas na língua falada no Brasil.”

Houaiss (1985, p. 91) assegura que o “português brasileiro nasce com diversidade” e Mattos e Silva (2008 a, p.34) postula que

não se pode compreender a história do português no Brasil sem levar em conta, em pé de igualdade linguística e não apenas como contraponto, os aloglotas, o percurso histórico das populações e suas línguas que aqui conviveram e convivem com a língua portuguesa.

Dentro das questões que envolvem a origem do português brasileiro, os autores discorrem sobre o legado

---

<sup>7</sup> Citação extraída do texto “Crioulos de base portuguesa”, de Dulce Pereira. Disponível no site “História da língua portuguesa”, sob responsabilidade do Instituto Camões, sem notação de página e ano.

indígena, africano e português europeu. Cada um expressa seu modo de ver os fundamentos do Português em nosso território. Entendemos que o Português que utilizamos é permeado de vozes advindas de todos os que aqui habitavam e foram, a seu tempo, estabelecendo-se.

Partindo disso, nosso trabalho está voltado para a observação do português escrito em cartas pessoais, portanto trazendo traços de informalidade. Uma vez que tomamos como nosso objeto o português denominado por Mattos e Silva (2006) como *português culto brasileiro*, não podemos perder de vista que sem a fala não se escreve, portanto muito desse registro nos fornece subsídios para “entrever ou entreouvir a voz através dos textos”, consonante com a mesma autora - “ouvir o inaudível” (2008b).

Esse português culto começou a definir-se na segunda metade do século XVIII, uma vez que coincide com questões relativas à escolarização da população, ao uso escrito e a sua normatização, legados da política linguística e cultural pombalina na colônia brasileira. Podemos concluir que, a partir desse momento, o Brasil passa a ser definido como país de língua majoritariamente portuguesa brasileira (MATTOS E SILVA, 2006).

Discutimos, a seguir, sobre o processo de escolarização que, em nosso entendimento, é essencial para que compreendamos a heterogeneidade do português brasileiro vernacular e do culto.

## DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

Queiroz (2009) em seu artigo *Caminhos do português: a memória da escrita preservada nos documentos*, conta-nos que a aprendizagem da escrita começou a ser valorizada depois da metade do século XV. Assim, uma emergência educacional começou a ser ampliada para todos os níveis da sociedade.



Sem dúvida alguma, devemos aos jesuítas o início da história da educação no Brasil e, como aponta Mattos e Silva (2008a), foi o padre Anchieta o primeiro linguista aportado em terras brasílicas. Mas muito além do ideal catequizador – o domínio das almas perdidas – e do ensino das primeiras letras, os jesuítas pretendiam semear a cultura e os costumes portugueses.

A expulsão dos padres, pelo Marquês de Pombal, marcou o início de uma educação desorganizada gerida pelo Estado. Poucos letrados preenchiam o lugar dos jesuítas, e os privilegiados da elite brasileira recorriam ao estudo europeu. Olinda (2003, p. 158) comenta que nesse momento da história do Brasil houve “uma fragmentação do sistema educacional [...]”. No fim do período colonial, só havia escolas nas cidades e vilas mais importantes”.

Com a vinda da família real, em 1808, o país passou por algumas transformações. Nesse período foram criadas escolas e as primeiras faculdades para atender à demanda do novo contingente populacional, porém quem tinha acesso a essa educação não eram os descendentes de negros e índios.

No século XIX ainda havia uma minoria de letrados e uma enorme população de analfabetos. Sobre isso, Mattos e Silva (1995, p. 83) afirma:

O ideal normativizador – primeiro lusitanizante, depois em função de um padrão culto brasileiro – desencadeado no século XIX, não teve vez de se implantar efetivamente e generalizadamente no Brasil, restringindo-se apenas a uma minoria economicamente privilegiada e alguns quantos, seres excepcionais, que rompem as limitações impostas pelo desenvolvimento socioeconômico e cultural perverso do Brasil, desde as suas origens coloniais.

Analisando os dados oferecidos pelos pesquisadores já citados, podemos vislumbrar a polarização socioletal que se configura no português brasileiro dos dias atuais: convivem

os que dominam norma culta com aqueles que, sem acesso ao padrão, portam a norma vernácula.

## O GÊNERO EPISTOLAR: CARTA PESSOAL

O gênero epistolar é tão antigo quanto o aparecimento das primeiras escritas. Temos notícia de que o primeiro escrito em terra brasileira tenha sido a Carta do Descobrimento por Pero Vaz de Caminha, que promove a sua percepção sobre a nova terra. Sabemos que os jesuítas também escreveram cartas. Segundo Londoño (2002, p. 12), o acervo brasileiro conta com “três grossos volumes de cartas dos primeiros jesuítas entre 1549 e 1563”, porém esses primeiros documentos tratavam de mensagens informativas aos superiores,

contando-lhes como tinham sido recebidos, onde estavam alojados, o que tinham encontrado na terra, o estado de pecado e abandono moral em que viviam os portugueses, os primeiros contatos com os índios e o interesse que mostravam em adotar a fé, os avanços na comunicação com estes e os planos de catequese e de ir a outras regiões como Pernambuco (LEITE, 1954, p.109,115 apud LONDOÑO, 2002, p.11-12).

Como nosso *corpus* é constituído de cartas pessoais, que hoje em dia estão em franca extinção, elas se configuram documentos interessantes, de modo que, caracterizadas pelo aspecto privativo, são capazes de descrever o cotidiano daqueles que, um dia, em um dado momento de suas vidas, escreveram-nas. Portanto, são “fontes de estudos linguísticos sócio-históricos.” (BERLINCK et al., 2008, p. 172).

Ao adentrar nesse universo íntimo, passamos a imaginar e a compartilhar emoções, cores, sentimentos, percepções e costumes de pessoas que, longe da ficção, transformaram-se em personagens históricos que mantêm viva a memória

intelectual e cultural de seu tempo.

Dierks (apud SILVA, 2002) comenta que as cartas pessoais eram práticas do cotidiano de uma sociedade aristocrática, intelectual e, embora seguissem certos modelos padrões, rompiam com a escrita rebuscada e com as normas sociais. De um modo geral, deveriam sempre conter sinais de afeto, cordialidade, expressividade e informalidade, aproximando-se das conversas entre iguais. O mesmo autor salienta que as cartas, nesse período, eram escritas basicamente por homens. Não é difícil de imaginar o motivo. A mulher vivia numa sociedade de ordem patriarcal e sua educação se restringia ao trato doméstico, estando subordinada, antes de casar, ao pai e, depois, sendo feita propriedade do homem e silenciada por ele. Quando eram letradas, a educação se fazia em casa.

Ressaltamos, a partir do exposto, que as relações da vida cotidiana, a situação, a posição social influenciam de modo concreto na forma como a comunicação se processa – mais ou menos formal – e, em se tratando de cartas pessoais, de maneira bastante relevante.

Para embasar nosso pensamento, citamos Bakhtin (2000, p. 322):

A estrutura da sociedade em classes introduz nos gêneros do discurso e nos estilos uma extraordinária diferenciação que se opera de acordo com o título, a posição, a categoria, a importância conferida pela forma privada ou pela notoriedade pública, pela idade do destinatário e, de modo correlato, de acordo com a situação do próprio locutor (ou escritor).

Por fim, entendemos que o texto epistolar configura-se como fonte significativa para o estudo da variação/mudança linguística diacrônica, uma vez que ele nos fornece o registro de determinado estado passado de uma língua.

## O grau de formalidade em cartas pessoais

As cartas são documentos heterogêneos e híbridos. Heterogêneos por abarcarem em um mesmo texto várias tipologias textuais e, híbridos, por conterem diferentes graus de formalidade. Mesmo que o texto contido nas cartas tenha a característica básica de ser dialógico, esse contato estabelecido não é presencial nem oral. Essa busca é feita através da palavra escrita, que, por excelência, carrega o ônus da formalidade.

Durante muito tempo, a escrita sempre esteve intimamente relacionada com a formalidade e, conseqüentemente, com as normas ditadas pela Gramática Tradicional e com as regras ortográficas vigentes na época. Exatamente por isso, o estudo das cartas se torna interessante. Seu aspecto formal se contrapõe a seu estilo informal e livre, aproximando-se da oralidade. Berlinck et al. (2008, p. 180) comentam que, nessas situações, “*o que se diz* (o conteúdo) é mais importante do que *o modo como se diz* (forma).” Kato (1986 apud Berlinck, et al., 2008, p. 180), postula: “A escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática, havendo variação na forma pelas quais as atividades linguísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido a diferenças temporais, sociais, individuais.”

Neste texto, ilustramos a modalidade escrita presente em cartas informais do século XIX, redigidas por mulheres pertencentes à elite da época. São informais por se tratarem de cartas destinadas a parentes e amigos, abordando temas familiares e afetuosos.

Nosso foco não será a discussão etimológica dos fenômenos linguísticos analisados, mas a preservação do legado da língua portuguesa, em nível sintático e ortográfico.

## O *corpus*: UM LEGADO HISTÓRICO

O Museu do Tropeiro, situado na cidade de Castro, mantém um rico acervo expositivo e documental, no qual os moradores se reconhecem como personagens colaboradores na formação e continuação da história, que permanece viva nas informações conservadas e preservadas através do tempo.

Em visita ao Museu, garimpando seus arquivos, encontramos vários documentos interessantes e instigantes, entre eles páginas de jornal do século XX, processos do tempo da escravidão e manuscritos pertencentes a antigos e ilustres moradores da cidade. Entre esses manuscritos encontramos as cartas da Baronesa de Guaraúna e a carta escrita pela Imperatriz Thereza de Bourbon, endereçada à ilustre moradora, Dona Emília Erichsen, que em 1862 fundou, em Castro, o primeiro jardim de infância do Brasil. Pronto! Havíamos encontrado nosso tesouro! A responsável pelo museu prontamente nos atendeu e disponibilizou cópias das cartas, que então passamos a investigar.

Duas das cartas que fazem parte dos *corpora* deste estudo foram escritas por Maria Ambrózia Ferreira, casada com Domingos Ferreira Pinto, importante fazendeiro dos Campos Gerais do Paraná, que recebeu o título de “Baronesa de Guaraúna”, como forma de reconhecimento pela excelente hospedagem que dedicaram, ela e o marido, ao Imperador Dom Pedro II, em sua passagem pelo Paraná.

A baronesa era uma mulher politicamente ativa, tendo se manifestado a favor dos federalistas durante a Revolução de 1893. Ao ficar viúva, passou a dirigir todos os negócios do barão. Sempre muito caridosa, em seu testamento deixou todos os bens a instituições filantrópicas, por não ter tido filhos<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Dados retirados do site “Navegando na História”. Os créditos pela pesquisa e redação sobre a história da Baronesa de Guaraúna são de Adriano José Ferreira.

A terceira carta foi escrita pela Imperatriz Thereza Cristina de Bourbon. Dados históricos relatam que chegou ao Brasil em 1843, depois de ter casado, por procuração, com D. Pedro II na capital napolitana, em 30 de maio daquele ano. Viveu em São Cristóvão, Rio de Janeiro, até ser exilada e morreu em 28 de dezembro de 1889, na cidade do Porto. Foi notada pela sua excelência intelectual, sempre ligada às artes. Manfredo Leite (1922 apud AVELLA, 2010) a descreve como uma personalidade oposta a Ambrózia:

A imperatriz, o mais puro modelo de esposa e mãe, encerrada na sua família como na mais estreita, na mais humilde, na mais rigorosa clausura, nunca viveu senão para o amor, para a obediência, para a sujeição, para o sacrifício.

Mencionamos a carta da imperatriz como CI, e as cartas da baronesa como CB.

Esses breves comentários históricos nos ajudam a perceber o comportamento das mulheres cujas assinaturas aparecem nas cartas e a melhor entender o conteúdo escrito por elas. Esse cuidado metodológico está pautado no entendimento de que qualquer estudo histórico da língua deve levar em conta o autor, o contexto e a intenção com que o texto foi produzido, bem como a estrutura social da época.

## O RESGATE LINGUÍSTICO

### As formas de tratamento

Berlinck et al. (2008) explicam que, para a investigação sobre a história da língua, é preciso selecionar critérios que nos auxiliem a averiguação. Uma das formas de se verificar o grau de formalidade e informalidade em uma carta é, sobretudo, a partir dos pronomes e formas de tratamento utilizados pelo

remetente ao seu destinatário. Nas cartas que analisamos, a estrutura padrão - saudação inicial e saudação final – colaborou para a percepção do grau de informalidade e parentesco entre os envolvidos.

=> Saudações iniciais:

CB: *Prima Maria/ Tia Delfina*

CI: *Cara D. Emília*

A utilização dos tratamentos “prima” e “tia” trazem consigo o grau de parentesco entre as envolvidas na ação dialógica, o que, por sua vez, exprime informalidade, já que o assunto é de foro íntimo e familiar. O uso do tratamento “cara” não denota familiaridade, tampouco intimidade entre as envolvidas, mas sim respeito e apreciação e, até certo ponto, alguma formalidade, corroborada por “Dona”.

No corpo da carta, a baronesa, ao se dirigir à prima Maria e à tia Delfina, utiliza o pronome de tratamento *Vacumce*, discutido por muitos estudiosos. Vejamos trechos dessa ocorrência.

*“Com esta três (cartas) que escrevo com o fim de **Vacumce** ver se trata casamento aomenos para 4...”*

*“... nha Maria veja se **Vacumce** ou a prima Joaquina vem trazer aomenos três das meninas...”*

*“... aprontamos e arranjamos noivos bons moços **Vacumçes**<sup>9</sup> fação sacrificio...”*

Conforme explicação de vários linguistas e gramáticos, como Amaral (1976), Bastos (1931), Berlinck *et al.* (2008),

---

<sup>9</sup> Neste texto, as palavras são transcritas conforme o registro encontrado nas cartas. Por esse motivo, o termo “vassuncê” aparece registrado de maneiras diferentes no decorrer da análise.

Biderman (1972, 1975), Cintra (1972), Coelho (1999, 2008), Gonçalves (2010), Lapa (1991), Luft (1957), Nascentes (1950, 1956), Said Ali (1930, 1966), entre outros, o pronome Vossa Mercê sofreu alterações ao longo do tempo. O *Vassuncê*, utilizado pela baronesa, é uma forma arcaica de você. No período medieval, o pronome Vossa Mercê era utilizado para marcar distância entre senhores e vassalos. Mais tarde, tornou-se uma maneira de dirigir-se ao rei, de forma respeitosa. Berlink et al. explicam que, assim como Vossa Senhoria e Vossa Excelência, acabou vulgarizando-se. Nascentes comenta que a partir do século XVII, “a mercê<sup>10</sup>” passou a ser dada aos burgueses, ou seja, às pessoas que mereciam respeito no trato, mas não possuíam senhoria.”

O uso do tratamento *Vassuncê* denota trato íntimo e informal, já que a baronesa estava se dirigindo à prima e à tia. Portanto, no século XIX, o uso dessa forma de tratamento ainda era registrado, não apenas na forma coloquial e estigmatizada da língua, mas por pessoas de classe econômica superior, como uma baronesa.

Listamos alguns autores que apontam as alterações fonéticas e ortográficas pelas quais passou o pronome “Vossa Mercê”.

Nascentes (1956, p. 116) assinala os seguintes estágios de mudança:

=> Vossa Mercê => vossemecê => vosmecê => vosm'cê => voscê => você => ocê => ce

Amaral (1976, p. 191) expõe as seguintes formas em seu vocabulário:

---

<sup>10</sup> Mercê: favor, gosto, graça, benefício que alguém faz ou concede a outro. (HOUAISS, 2004)



VACÊ, VANCÊ, VASSUNCÊ, VOSSUNCÊ, alterações de vossa mercê, como *você* de uso culto. A primeira forma é mais familiar; vancê, mais respeitosa; as outras, ainda mais cerimoniosas do que essa. Há outras: vamicê, suncê, mecê.

Biderman (1972) explica que a evolução de Vossa Mercê teria sido originada na Espanha, e cita as variantes espanholas:

=> Vassuncê => voaced => vueded => vuaced => voazé => vuazé  
=> vuezé

Nas cartas, a baronesa utiliza a forma *que*, segundo Biderman, é de origem espanhola. Isso é explicado através dos fatos históricos regionais. A baronesa era natural do Estado do Rio Grande do Sul, onde os espanhóis tiveram grande participação na pecuária, na linguagem e na cultura, nos séculos XIX e XX.

Para identificar o grau de informalidade em uma carta, outro aspecto que nos deixa pistas é a saudação final. De acordo com Castillo Gómez (2006, *apud* Berlinck *et al.*, 2008, p.175), “ao terminar a correspondência, o emissor também adapta o seu texto (despedida) de acordo com seu destinatário”, tal como ocorrem nos seguintes fragmentos das cartas escritas no século XIX.

CB: *Sua prima* Ambrozia/Aqui tem sempre a suas ordems a *sua prima e amiga*.

CI: *Sua afeiçoada* Thereza

Como podemos observar, não há formas cerimoniosas mas sim palavras que demonstram afeto e consideração. Interessante notar o uso do pronome *sua*. No primeiro caso, “sua prima”, podemos inferir que se trata de um possessivo, o que pode confirmar que Maria é prima de Ambrozia.

Já, no segundo exemplo, não há denotação de posse, mas sim a maneira utilizada para demonstrar o grande apreço e respeito que a imperatriz sentia por sua interlocutora “D. Emília”.

Outra forma de tratamento que nos chamou a atenção foi a utilização de *nha* nas cartas da baronesa. Destacamos trechos:

“... **nha** Isabella está com um conto de réis pronto para cada uma das que estiverem com o casamento tratado...”

“... *prima Joaquina vem trazer aomenos três das meninas que esas eu e **nha** Jinda aprontamos e arranjamos noivos bons moços...*”

Amaral (1976, p. 157) postula o seguinte verbete:

NHA, INHA, formas proclíticas de “senhora”; “nha-Maria, nha-dona”.

O pesquisador Zágari (2002) estudou o vernáculo mineiro a fim de recuperar as variações entre gerações e camadas sociais. Entrevistou, desde o analfabeto ao homem de nível superior, para formar o primeiro volume do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. O professor conta que destacou expressões usuais que estão incorporadas ao falar cotidiano, dentre as quais

um bom exemplo é o pronome “senhor/senhora”. Na época do império, notava-se entre os escravos uma tendência a “engolir” sílabas e fonemas, o que transformou esta forma de tratamento usualmente em “sinhô/sinhá”, depois “nhô/nhá” e, por fim, “iô/iá”.

Apesar de as formas contraídas de “senhor”, “senhora” serem atribuídas ao uso caipira ou crioulo, pode-se notar que essa forma de tratamento também era utilizada no século XIX em nível familiar entre parentes e amigos.

## A ortografia

O aspecto ortográfico foi o que mais nos chamou a atenção no *corpus* analisado. As questões que se referem à ortografia da língua portuguesa sempre foram motivo de calorosas discussões. No início, os usuários do português escrito não sentiam a necessidade de estabelecer um sistema normativo de regras, pois o que importava era o registro da fala. Dessa forma, iniciou-se a questão da variação gráfica.

Até o século XVI, a escrita procurava imitar os sons da fala. Conforme explica Coutinho (1976), “escrevia-se não para a vista, mas para o ouvido”. Faltava padronização. Poderia ter dado certo, se o Brasil não fosse um país com extensões territoriais e, sem dúvida, cheio de variações sociais e dialetais.

No período etimológico, do século XVI até 1904, momento de redescoberta e valorização dos modelos clássicos, a grafia vai buscar aproximação aos padrões helenísticos e latinizados, explica Moreira (2009). Só que o desconhecimento do método etimológico propriamente dito fez com que a proposta ortográfica complicasse ainda mais a evolução do idioma, como o uso do *th*, *letras mudas* e *consoantes dobradas*. O registro linguístico preservado nas cartas da baronesa e da imperatriz corrobora essa afirmação:

=> Consoantes dobradas

CB: “... não faz dispeza eu dou **ella** pronta.”

CI: “A viagem foi magnífica a fizemos toda de carruagem (...) que a nossa uma vez se quebro os **cavallos** cairão...”

“Sua **affeijoadá** Thereza”

“... fomos ver a Província do Paraná que muito gostei, é tudo **diferente** das outras...”

=> Uso do *th*

CI: "... em Curitiba vi neve uma manhã, e o **thermometro** marco 2 grao abaixo zero..."

=> Letras mudas

CI: "... o imperador montou a cavallo e foi ver a colônia, as **descrições** forão exageradas."

Podemos perceber claramente que a busca pela escrita etimológica latinizada está mais concentrada nos registros da imperatriz. Provavelmente, traços do português europeu, ao qual teve mais contato.

Com relação aos usos das vogais I e U pretônicas, Teysier (1982, p. 51) postula que "tudo nos leva a pensar que o que chamamos "redução" de e e o pretônicos aconteceu no decorrer do século XVIII, ou, mais precisamente, na segunda metade desse século." As cartas da baronesa nos mostram que na segunda metade do século XIX, essa ortografia ainda era registrada.

CB: "... meu desejo e aplicar esse dinheiro para minhas **subrinhas**..."

" Vacunções facão a diligencia e dem providencia no meu **pidido**."

"... eu aranho um moço muito bom já cazar não faz **dispeza**..."

Autoras como Viegas (1987), Collischonn (2006) e também Bisol (1981) denominam essa redução de alçamento vocálico. Viegas, a partir de seu estudo sobre o alçamento de vogais pretônicas no dialeto de Belo Horizonte, constatou que além de ser um fenômeno que favorece a harmonia vocálica, acontece, também, devido "à presença de uma vogal alta na sílaba tônica", de acordo com a explicação de Rezende (2010, p. 61). Esse fenômeno foi constatado em "pidido" e "subrinhas", nos registros da baronesa. Collischonn (2006) complementa as análises de Viegas, postulando que as consoantes fricativas (/s/ e /z/) também favorecem o

alçamento, como verificamos em “dispeza”.

Teyssier (1982), ao tecer comentários sobre o *ão* no final de verbos, expõe:

Todas as palavras da língua que possuíam primitivamente -an (-am) e -on (-om) convergiram desta maneira para uma só terminação em -ão. É o caso das formas verbais tônicas; ex.: dan > dão, cantarán > cantarão (futuro), son > são; e as formas verbais átonas; ex.: cantáran (mais-que-perfeito) > cantárão, escrito hoje cantaram; cantáron (perfeito), forma que veio a identificar-se com a do mais-que-perfeito na pronúncia e na grafia (1982, p. 39).

Encontramos esse legado ortográfico em duas das três cartas que fazem parte do *corpus*. Vejamos alguns exemplos:

CB: “... Vacumções **fação** sacrificio e dem providências...”

“Se vacumções já **tratarão** cazamento para algumas mandem buscar o que percizarem...”

CI: “ A muito tempo que não sei nada como vão em saude e se o tratamento das aguas que **tomarão** em Europa lhe **fizerão** bem o que desejo.

“... o Imperador montou a cavalo e foi ver a colonia, as descrições **forão** exageradas.”

“ Lembranças as Senhoras que se **lembrão** de mim...”

Sobre o uso do Z intervocálico, Teyssier (1982, p. 43) explica que, “por volta de 1550, confusões começam a aparecer nos textos entre cada uma das pré-dorsodentais e a ápico-alveolar que lhe corresponde: encontra-se c em vez de -ss-, -ss- em vez de c, z em vez de -s- e -s- em vez de -z-.” No século XVIII e XIX, ainda se cometiam tais equívocos, que somente as regras ortográficas do século XX iriam sanar.

A ortografia da baronesa confirma Teyssier:

CB: “*Se vacumçes já tratarão cazamento para algumas mandem buscar o que **percizarem**...*”

“*Vacumce ver se trata **cazamento** ao menos para 4 das suas e 4 de nha Lisbella...*”

“*... não faz **dispeza** eu dou ella pronta.*”

“*Sua prima **Baroneza** de Graraúna*”

Não foram encontrados casos de troca de S por Z ou vice-versa na carta da imperatriz.

Também nos chamou a atenção, a utilização do pronome oblíquo tônico *com migo* escrito separadamente. Sobre este pronome, Lima (2009, p. 100-101) explica que

provavelmente na época as palavras eram escritas ou pautadas na pronúncia por não haver ainda uma uniformidade, isto é, uma convenção ortográfica ou por não terem assumido ainda o sentido novo, ou por causa da etimologia como acontece com o advérbio talvez (de tal + vez), da conjunção portanto (de por + tanto) e por fim do pronome pessoal comigo (da prep. latina cum + mecum > mego (arc.) > migo).

e o uso do clítico *lhe* grafado juntamente com o verbo *mandalhe*. Em *com migo*, podemos observar um traço linguístico contemporâneo que ainda pode ser encontrado em alguns textos de alunos do ensino fundamental, talvez por analogia, já que ambos “com ele/com *migo*” exercem a função de adjuntos adverbiais de companhia: “Você vai com ele”, portanto, “Você também pode ir com *migo*.” A grafia *mandalhe*, parece-nos tratar de uma transposição da fala para a escrita = mandalhe (dita sem pausa), e não manda-lhe, com a pausa entre o verbo e o clítico. O mesmo acontece com as palavras *ao menos*, escrita sem espaço *aomenos*.

Cl: “*... os cavallos cairão, eu fiquei com a Dama que tinha ido **com***”

*mlgo a espera que os cavallos se levantassem...”*

*“O Imperador mandalhe lembranças e a seu Marido a quem dará as minhas.”*

CB: *“Vacumçe ou a prima Joaquina vem trazer aomenos tres das meninas...”*

A realização de trabalhos voltados para estas variações ortográficas seriam interessantes e contribuiriam para os estudos voltados aos fenômenos históricos em comparação aos contemporâneos da língua portuguesa brasileira.

### Alguns aspectos sintáticos

A sintaxe da língua portuguesa é um assunto que sempre está em discussão. Nas escolas, os alunos aprendem como “bem escrever” utilizando regras de concordância e regência. Não é muito diferente da proposta de alguns gramáticos do século XIX.

Em nível sintático, a característica apontada pelos pesquisadores com relação ao português brasileiro é o uso do pronome pessoal do caso reto funcionando como objeto direto. Encontramos dois exemplos nas cartas da baronesa:

*“Se Vacumçes já tratarão cazamento para algumas mandem buscar o que percizarem para **aprontar ellas.**”*

*“... eu arranjo um moço muito bom pra cazar não faz dispeza eu **dou ella** pronta.”*

Naro e Scherre (2007, p. 78) discutem esse fenômeno. Os autores postulam que alguns estudiosos atribuem essa característica como indícios da herança crioula e específica do português brasileiro. Eles conferem essa questão ao português europeu, listando exemplos retirados da literatura portuguesa, como “Bendi eles há munto ano”.

Teyssier (1982, p. 70) expõe o fenômeno como “brasileirismo” e ainda comenta que outro traço brasileiro popular está nos domínios da concordância nominal, suprimindo o -s dos nomes e adjetivos e conservando-os somente nos determinantes. Já no século XIX, havia oscilações entre marcação ou não marcação do plural em casos nominais. Vejamos:

CI: “O *thermometro* marco **dois grao** abaixo de zero...”

“... não me tenho esquecido da Senhora nem de seu Marido que conservo **gratas recordação** desde 1843”

CB: “Se não arranjar moço **nas condição** me traga aqui...”

Entendemos, como postulado por Andrade (2003 apud ARAÚJO, 2009, p. 108), que “a variação das regras de concordância do português do Brasil é em função da formação sócio-histórica do país, marcada pelo contato entre línguas”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações dos fatores sociais e históricos que contribuíram desde as origens da formação do português em solo brasileiro, do início do processo educacional e da constituição socioletal, em nosso país, é que podemos entender uma pequena parcela do que hoje se configura na educação e cultura do nosso povo. Os desacertos já se iniciaram no período da colonização, com a falta de uma estrutura educacional sólida que abarcasse todos os brasileiros e não somente alguns privilegiados. As diferenças étnicas, linguísticas e sociais forneceram o palco para a formação da cultura de um povo e, no seu cerne, da língua portuguesa brasileira.

Nosso estudo objetivou descrever traços linguísticos históricos do português brasileiro registrados em documentos



informais, abstendo-se de discussões acerca da etimologia ortográfica e origem sintática dos fenômenos apresentados.

As cartas pessoais observadas neste trabalho nos transportaram para a gênese da consolidação do português como língua nacional. Foi a partir dos registros que elas nos trouxeram que pudemos vislumbrar um período longínquo da nossa história. A memória acessada nos forneceu imagens, aromas e reminiscências de um país que estava se estruturando, uma cultura ainda se moldando e particularidades de personagens que habitavam somente o nosso conhecimento enciclopédico, escritos em livros de História.

Os traços linguísticos observados nas cartas analisadas, sem dúvida, demonstram a evolução da língua portuguesa, através dos aspectos listados: formas de tratamento, ortografia e sintaxe. Como o homem reflete a sociedade em que vive, entendemos que no período compreendido neste estudo, o recorte entre 1880 e 1893, prevalecia ainda, na ortografia, o período denominado etimológico, época em que as pessoas se inspiravam no latim e grego para bem escrever. Embora tenhamos atestado o caráter informal do português escrito em nosso *corpus*, reiteramos que a linguagem utilizada é voltada para a norma culta. O cuidado com a escrita nos revelou que o uso da língua está ligado à comunidade linguística e é usada para atender aos interesses dela. Ressaltamos que, por se tratar de cartas pessoais a linguagem culta escrita, por vezes, aproximou-se da oralidade, imprimindo o caráter particular e dialógico que esse gênero carrega.

Não exploramos os fenômenos sintáticos em demasia; destacamos somente três casos de concordância nominal. Dessa forma, entendemos como Naro e Scherre (2007, p. 44) que “o fenômeno da concordância nominal é geral, independente da localização geográfica”, sabendo-se que a baronesa residia no Paraná e a imperatriz no Rio de Janeiro.

Os pronomes de tratamento utilizados deixaram transparecer o caráter histórico do nosso estudo. Primeiro, na forma de tratamento *Vassuncê*, utilizada pela baronesa, uma construção arcaica do pronome que hoje já se reconhece por *ce*. E na forma *nha*, utilizada hoje por falantes pertencentes ao meio rural, por pessoas com baixo nível de escolaridade. Interessante foi perceber o modo cordial e gentil com que a imperatriz se dirige à sua destinatária – uma professora – *cara* e *senhora*, demonstrando afeto e respeito.

Segundo Melo (1981), o estudo dos documentos antigos é que nos dão informações precisas a respeito do estado da língua em épocas anteriores e, também são eles que nos permitem construir a história do idioma.

Estamos cientes de que ainda há outros aspectos diacrônicos a serem explorados no *corpus* apresentado. Nossa pesquisa permitiu a recuperação de alguns traços linguísticos do século XIX, contribuindo, dessa maneira, para o resgate da história do português paranaense e, conseqüentemente, do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- ARAÚJO, S. S. de F; ARAÚJO, J. M. de O. A formação sócio-histórica do português do Brasil: Contribuições do Recôncavo Baiano. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n. 39, p. 95-116, 2009.
- AVELLA, A. A. Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada. In: XX Encontro Regional de História: História e Liberdade, ANPUH/SP – UNESP - Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. *Anais...* Disponível em <<http://www.anpuhsp.org.br>> Acesso em: 20 de jan. 2012.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BASTOS, C. Formas de tratamento, em português. *Revista Lusitana*, Lisboa, n. 29, p. 183-202, 1931.

BERLINCK, R. de A.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. de C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, p. 169-195, jul/dez de 2008.

BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. In: Alfa. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972-1975, n. 18-19, p. 339-381.

\_\_\_\_\_. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: Nunes, José; Peter, Margarida (orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/USP: Pontes. p. 65-82, 2002.

BISOL, L. *Harmonização Vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

CAMARA Jr., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARDOSO, E. de A. Orthographia virou ortografia. Um panorama da evolução do registro escrito da língua portuguesa. *Revista Língua Portuguesa*, n. 12, ed. 74: Segmento, 2011.

CARDOSO, S. M. A dialetologia no Brasil: perspectivas. *DELTA* vol.15, special issue. São Paulo 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010). Acesso em: 23 abr. 2012.

CARDOSO, S. M. *Geolinguística, tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado: estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP, 1996. v. 1, p. 79-167.

CINTRA, L. F. L. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1972.

COELHO, M. do S. V. *Uma abordagem variacionista do uso da forma Você no Norte de Minas*. 1999. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

\_\_\_\_\_. De Vossa Mercê a cê no português brasileiro: da gramática ao discurso. *Vertentes*. São João Del-Rei, v. 32, p. 221-230, 2008.

COLLISCHONN, G. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2006/2.

COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. In: *Fragmenta* 13, p. 51-82. Publicação do Curso de Pós-Graduação em letras da UFPR. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.

FERNANDES, A. P. A História da Ortografia do Português do Brasil. In: II Congresso de Letras da UERJ. São Gonçalo. 24 A 27 de outubro de 2005. *Anais...* Disponível em < <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/mesa03.htm> > Acesso em: 20 jan. 2012.

FERREIRA, A. J. Maria Ambrósia Rocha Ferreira - Baronesa de GUARAÚNA. Site “Navegando na História”. Disponível em < <http://www.histedbr.fae.unicamp.br> > Acesso em: 28 dez. 2011.

GONÇALVES, C. R. De Vossa Mercê a Cê: Caminhos, percursos e trilhas. In: XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2010, Rio de Janeiro (RJ). *Anais do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio

de Janeiro : UERJ, 2010. v. XIV. p. 2535-2550.

GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. Revista Ciência e Cultura, n. 2, São Paulo, jun/abr, 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>> Acesso em: 12 jan. 2012.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1985.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Fontes, 1991.

LIMA, J. A. de. *Análise do Sistema Ortográfico do Português Brasileiro em Cartas do séc. XIX*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pernambuco. Recife, 2009.

LONDOÑO, F. T. Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, n. 43, pp. 11-32, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 ago. 2012.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. 2 ed. Madrid: Gredos, 2008.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n 12, p. 17-28, 1994.

LUFT, C. P. Tratamento depreciativo. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 193-207, 1957.

MATTOS E SILVA, R. V. A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro: algumas reflexões. *Boletim da ABRALIN*, n. 17, p. 73-85, jun. 1995.

\_\_\_\_\_. O português brasileiro. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt>

\_\_\_\_\_. *O português são dois*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da Linguística Histórica – Ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008b.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARIANI, B. A institucionalização da língua, história e cidadania no Brasil do século XVIII: o papel das academias literárias e da política do marquês de Pombal. In ORLANDI, E. (org.) *História das Idéias Linguísticas. Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional*. Cáceres – Mato Grosso: Pontes, 2001, p. 99-124.

MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

MOREIRA, M. E; SMITH, M. M; BOCCHESI, J. da C. (Orgs). *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – questões para além da escrita*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

NARO, A. J; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCENTES, A. Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 3, t. 2, p. 52-68, 1950.

\_\_\_\_\_. O tratamento de você no Brasil. In: *Letras*. Curitiba: UFPR, v. 6, n. 05, p. 114-122, 1956.

OLINDA, S. R. M. de. *A educação no Brasil no período colonial: um olhar sobre as origens para compreender o presente. Sitientibus*, Feira de Santana, n. 29, p. 153-162, jul./dez, 2003.

OLIVEIRA, L. I. F.de. *Questões Históricas da Crioulização. Kupiara das Letras*, v. 1, p. 12-24, 2011.

PEREIRA, D. Crioulos de base portuguesa. Disponível em: < <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/crioulosdebaseport.html>> Acesso em: 04 de jan. 2012.

QUEIROZ, R. de C. R. O texto autobiográfico de Dr. Remédios Monteiro e as variações ortográficas do século XIX. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 34, p. 57-64, 2006.

\_\_\_\_\_. Caminhos do Português: a memória da escrita preservada nos documentos. Fólio - *Revista de Letras*, v. 1, n. 1, p. 82-94, 2009.

REZENDE, F. A., MAGALHÃES, J. S. de. Alçamento da vogal pretônica /e/ na fala dos habitantes de Coromandel - MG e Monte Carmelo – MG. *Revista LINGUAGEM – Estudos e Pesquisas*, Catalão, vol. 14, n. 2 – 2010.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1930.

\_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. Instituto Nacional do Livro. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SCARTON, G. A orthographia da lingua portugueza. História dos (des)acordos. In: Moreira, M. E; Smith, M. M; Bocchese, J. da C. (orgs.). *Novo acordo ortográfico da língua portuguesa: questões para além da escrita*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 21-46, 2009.

SILVA, J. Q. G. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1976.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Martins Fontes, 1982. Fonte digital. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/22899347/paul-teyssier-historia-da-lingua-portuguesa> > Acesso em: 12 jan. 2012.

VIEGAS, M do C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.



ANEXOS

**Doc:** I

**Composição:** fol. 1r.

**Assunto/resumo:** Carta Pessoal a prima

**Datação:** 25 de Março de 1892

**Autora:** Maria Ambrozia Ferreira

Prima Maria Tia Delfina  
Eide estimar que Vacunces andem  
com saude eu aqui vou vivendo  
cheia de trabalhos. Com esta três que escrevo  
com o fim de Vacumce ver se trata  
cazamento aomenos para 4 das suas e 4  
de nha Lisbella está um conto de res  
pronto para cada uma das que estiverem  
com o cazamento tratado nha Maria  
veja se Vacumce ou a prima Joaqui  
na vem trazer aomenos três das  
meninas que esas eu e nha Jinda  
aprontamose arranjamos noivos  
bons moços Vacumçes fação sacrificio  
e dem providências nisto que lhe  
peço pois meu desejo e aplicar esse  
dinheiro para minhas subrinhas.  
Tia Delfina e primo Atanzio  
Vacumçes fação a diligencia e dem  
providencias no meu pedido.  
vire

**Doc:** 1

**Composição:** fol. Iv.

**Assunto/resumo:** Carta Pessoal a prima

**Datação:** 25 de Março de 1892

**Autora:** Maria Ambrozia Ferreira

Vacumções todos aceitem  
saudades minhas e de nha  
Jinda.

Aqui tem sempre a  
suas ordems a sua prima  
e amiga.

Maria Ambrozia Ferreira

P S

Se vacuumções já tratarão  
cazamento para algumas  
mandem buscar o que  
percizarem para aprontar  
ellas.

**Doc:** 2

**Composição:** fol. lr.

**Assunto/resumo:** Carta Pessoal a prima

**Datação:** 8 de Agosto de 1893

**Autora:** Baroneza de Guarauna

Prima Maria

Heide estimar que esta encontre com  
saude as meninas todas Prima o  
meu desejo e dar este conto de res outra  
sua filha por isso veja se arranja o  
cazamento para outra o Juiz quer  
que se disponha logo o dinheiro por  
isso veja se arranja logo o casamento  
Se não arranjar moço nas condição  
me traga aqui eu arango um moço  
muito bom já cazar não faz dispeza  
eu dou ella pronta.  
Sem outro assunto accete saudades minhas  
O mesmo faz nha Ginda. Sua prima Amza  
Baroneza de Guarauna

**Doc:** 3

**Composição:** fol. Ir.

**Assunto/resumo:** Carta Pessoal a amiga

**Datação:** 31 de Agosto de 1880

**Autora:** Thereza Cristina de Bourbon

Cara D. Emilia

Não quero deixar partir M' [ilegível]  
sem lhe escrever estas duas linhas  
por lhe .... que não me tenho  
esquecido da Senhora  
nem de seu Marido que conservo  
gratas recordação desde 1843

A muito tempo que não sei  
nada como vão em saúde e  
se o tratamento das águas que  
tomarão em Europa lhe fizerão  
bem o que desejo.

Aqui vamos sem novidade  
com saúde, malgrado o tempo  
inconstante que temos.

**Doc:** 3

**Composição:** fol. lv.

**Assunto/resumo:** Carta Pessoal a amiga

**Datação:** 31 de Agosto de 1880

**Autora:** Thereza Cristina de Bourbon

Pelos jornais ade ter sabido  
que no fim de mez de Maio  
fomos ver a Provincia do  
Paraná que muito gostei; e  
tudo diferente das outras tem  
campinas extensas a perder  
de vistas, não são chatas tem  
ondulações e de tempos em  
tempo tem capões de arvores  
magníficas o que da parencia  
de uns parques O clima  
e mais fresco que do Rio  
em Curitiba vi neve uma  
manha e o thermometro marco  
2 grão abaixo zero. A viagem  
foi magnífica a fizemos

**Doc:** 3

**Composição:** fol. 2r.

**Assunto/resumo:** Carta Pessoal a amiga

**Datação:** 31 de Agosto de 1880

**Autora:** Thereza Cristina de Bourbon

toda de caruagem não foi verdade  
 que a nossa uma vez se quebro  
 os cavallos cairão, eu fiquei com  
 a Dama que tinha ido com migo  
 a espera que os cavallos se levan  
 tassem para entrar de novo  
 na caruagem, em este tempo  
 o Imperador montou a cavalo  
 e foi ver a colônia, as dê  
 cripções forão exageradas.

O Imperador mandalhe  
 lembranças e a seu Marido  
 a quem dará as minhas

Adeus, cara D. Emilia, M<sup>a</sup>  
 Baco [ilegível] lhe remetera uma  
 Lembranças que lhe mando

**Doc:** 3

**Composição:** fol. 2v.

**Assunto/resumo:** Carta Pessoal a amiga

**Datação:** 31 de Agosto de 1880

**Autora:** Thereza Cristina de Bourbon

Receba um abraço d'esta

Sua affeçoada

Thereza

Lembraças as Senhoras que  
se lembrão de mim e a  
família Fonseca.